

## 61 CIDADES

ENTREVISTA DE DOMINGO Roberto Shiniti Sako

# Da política à tecnologia agrícola

CARLA OLIVO

Filho de imigrantes japoneses, o empresário mogiano Roberto Shiniti Sako, que exerceu o cargo de vereador durante seis anos (1977 a 1983) na Câmara de Mogi das Cruzes, defende que o Brasil ainda necessita evoluir muito para conseguir eleger os políticos que deseja. "O povo precisa amadurecer, porque acredito que cada um tem o governo de acordo com seu estágio", conclui ele, que desistiu de vez da vida pública após a experiência no Legislativo da Cidade. Nascido no sítio da família de agricultores, em Birritiba Ussu, onde passou a infância e fez o curso primário, Roberto optou pelo técnico em Mecânica no ginásio da antiga Escola

Industrial Presidente Vargas e, em seguida aperfeiçoou os conhecimentos na área estudando na Etep de São José dos Campos. De volta, iniciou o curso superior de Administração de Empresas, mas com a morte do pai, interrompeu os estudos e, seguindo a tradição oriental, assumiu os negócios da família, dando continuidade ao plantio de frutas e hortaliças. Foi após uma severa geada, que danificou toda a plantação de batata, que discutiu com um deputado durante reunião com produtores rurais de Mogi e foi convidado para se candidatar pela primeira vez a vereador. De início resistiu, mas acabou aceitando e foi eleito. Na Câmara, foi articulador do convênio com a Companhia de Abastecimento de

Alimentos (Cobal) que previa contratos antecipados para compra da produção rural da Cidade a fim de evitar prejuízos aos agricultores diante das constantes geadas. Após constatar fraudes na parceria, ficou tão decepcionado com a vida pública que decidiu encerrar a carreira como vereador ainda no primeiro mandato, sem nem mesmo se candidatar à reeleição. Passou a se dedicar à Mafes Mecânica, criada por ele em 1980, no próprio sítio, em Birritiba Ussu, e que hoje está instalada em Jundiapéba, empregando 42 funcionários e produzindo tecnologia e equipamentos agrícolas para clientes de várias partes do País. Na entrevista a **O Diário**, Roberto conta histórias vividas no Legislativo:

**O senhor é descendente de imigrantes japoneses. Como os pais chegaram a Mogi das Cruzes?**

Meu pai (Tatsuo Sako) chegou ao Brasil aos 5 anos, com meus avós que, assim como muitas famílias japonesas que para cá vieram naquela época, buscavam melhores oportunidades de trabalho. Primeiramente, eles foram para Cafelândia, onde um mês depois, meu avô morreu de malária. No segundo mês, meu tio mais velho também faleceu pelo mesmo motivo, e no terceiro mês, o mesmo aconteceu com o caçula da família. Numa noite, apavorada, minha avó decidiu fugir da fazenda arrastando os outros quatro filhos pelas mãos, à procura de um lugar onde pudessem ficar livres da malária. Foi assim que chegaram a Suzano, onde moravam. Meu pai vinha a Mogi para trabalhar e conheceu minha mãe (Yoshiko Sako). A família dela também veio do Japão, se instalou no Botujuru e depois em Birritiba Ussu. Meu avô materno montou o Bar Kato, na Rua José Bonifácio, em frente ao antigo restaurante Bife Esquisto e ao lado da Loja Moderna. Foi ali que meus pais se conheceram e, após o casamento, moraram no sítio do meu avô, em Birritiba Ussu, onde nasci.

**Ficaram recordações de sua infância no sítio?**

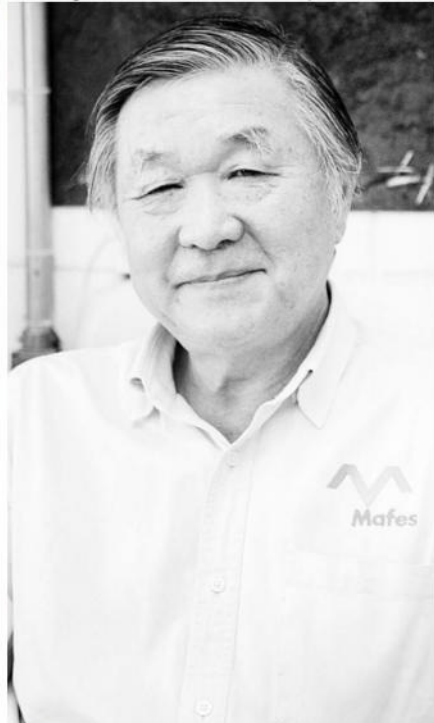
Foi uma infância saudável, tranquila e fantástica. Eu nadava e mariscava no rio que passava pelo sítio, onde havia várias árvores frutíferas, e também ajudava meu pai a colher frutas como ponkan, nêspera e caqui, em meio às abelhas e taturanas. Mas meus pais sempre deram oportunidade e fizeram de tudo para que eu e meus irmãos (Helena, Lília e Sérgio) pudessem estudar.

**Onde o senhor estudou?**

Fiz o primário no Grupo Escolar de Birritiba Ussu e, na época do ginásio, vim para o Centro Fazer o técnico em Mecânica, na Escola Industrial (hoje Escola Técnica Industrial - Etec Presidente Vargas), que funcionava no prédio onde está a Delegacia de Ensino (Diretoria Regional de Ensino). Depois, estudei o colegial, também na área de Mecânica, na ETEP de São José dos Campos, onde morei neste período, com outros estudantes. Em seguida, fiz o curso de engenharia para prestar vestibular, mas nas férias de julho, meu pai ficou muito doente e não saía mais do sítio. Comecei o curso de Administração de Empresas na Universidade Braz Cubas (UBC), mas não o concluí porque ele morreu e, seguindo a tradição oriental, assumi o comando da família e dei continuidade ao trabalho dele na plantação de frutas, batata, repolho e abobrinha, que eram comercializados pela Cooperativa Agrícola Mistá Itapeli e também para as pessoas que iam comprar os produtos no sítio.

**Quando teve início seu envolvimento com a política?**

Nunca pensei em entrar para a política, mas tudo começou depois de uma forte geada, em 1976, que queimou toda a plantação de batata do sítio. Era ano eleitoral e fui convidado para a reunião que um deputado fez com agricultores da Cidade, na Cooperativa Agrícola de Mogi, que ficava na Rua Dr. Deodato (Wertheimer), após a linha do trem. Eu era novo, tinha 24 anos e, quando



**POLÍTICA** Roberto Sako conta as histórias da Câmara, onde exerceu mandato

o deputado começou a falar, percebi que tinha vindo só fazer campanha política e não para nos trazer uma solução. Fiquei nervoso e disse a ele que levasse ao governador o recado de que as placas colocadas na zona rural da Cidade, com os dizeres "Plante que o Governo Garante", não valiam nada. Dez dias depois, um grupo de agricultores, o Junji Abe, que era vereador, e o Minor Harada, que foi chefe de gabinete na gestão do prefeito Waldemar (Costa Filho), foram ao sítio e falaram sobre o plano político de lançar alguém da colônia e ligado à agricultura para disputar a Prefeitura de Mogi. O Junji era vereador, então, o grupo queria uma pessoa para ocupar o lugar dele na Câmara. Ele sairia a fim de montar sua plataforma para concorrer a prefeito. Pensaram em mim por causa da minha postura durante aquela reunião com o deputado na Cooperativa.

**Qual foi a reação do senhor?**

Eu fui logo dizendo que não gostava de política e tinha raiva dos políticos, mas eles fizeram de tudo para me convencer, apesar de eu ser um bicho do mato e nunca ter participado nem mesmo de associações ou outras ações coletivas. O Minor me disse que era exatamente por eu estar do outro lado que deveria dar minha contribuição à Cidade. Ainda perguntei se não havia outra opção, disse que não tinha dinheiro para a campanha, mas acabei aceitando porque não acreditava que seria eleito. Entrei para a Câmara e o mandato de quatro anos foi estendido por mais dois, quando o prefeito

era o Waldemar. O Junji ficou como presidente do Sindicato Rural de Mogi e quando chegou novamente o período de eleição, fomos cobrar do Waldemar o acordo que havia sido feito para lançar alguém da agricultura como seu sucessor e mostramos que eu e o Senthro Namie éramos dois vereadores considerados representantes da classe rural. Mas ele queria lançar o Nobilo Mori, que apesar de ser da colônia, é médico e não agricultor. Foi uma briga.

**O senhor tinha bom relacionamento com o ex-prefeito Waldemar?**

Ele era um grande estrategista, uma pessoa muito difícil de se lidar, mas sabia cativar a todos e aprendi bastante com ele. Eu admirava o Waldemar, mas uma vez, na Câmara, no calor das discussões, usei a tribuna para dizer que ele era um ditador. O Boy (Waldemar Costa Neto, ex-deputado federal) foi contar para o pai, que me deu razão, assumindo que realmente ele era um ditador.

**Como foi a experiência no cargo de vereador?**

Entre na Câmara com muito idealismo e vontade de ser útil, mas levei tanta paneada que cheguei à conclusão de que para conseguir fazer algo, o prefeito precisa ficar grudado na barba do governador, nesta época, o Paulo Maluf, e também na do presidente, que primeiramente foi o Geisel (Ernesto) e depois o Figueiredo (João Baptista de Oliveira Figueiredo). Foi assim que o Waldemar conseguiu fazer o que fez na Cidade. Então, em um dia de sessão na Câmara, eu não saí do gabinete, fiquei olhando o mapa mundi e observei que os países desenvolvidos estão no Hemisfério Norte, onde o clima é temperado, e os sub-

desenvolvidos e com maior potencial agrícola, ficam no Hemisfério Sul, onde prevalecem os climas tropical e subtropical. A partir daí, cheguei à conclusão de que se quisesse fazer algo de útil aos agricultores, à população e ao Brasil deveria desenvolver tecnologia agrícola, já que ficávamos esperando a tecnologia trazida do primeiro mundo para cá, que não condiz com nossa realidade. Sempre achei que o Brasil ainda não se assumiu como pátria e vive na condição de colônia, aguardando que outros mandem algo para cá.

**Foi por isso que o senhor não se candidatou à reeleição para vereador?**

Naquela hora desisti da política e vi que se continuasse como vereador não seria útil. Fiquei na Câmara de 1977 a 1983 e, ao final do mandato, dei de vez a vida pública. Aquela eleição para prefeito foi disputada pelo Junji, Chico Nogueira (Francisco Ribeiro Nogueira) e Machado (Antônio Carlos Machado Teixeira), que saiu vencedor enquanto os dois primeiros passaram a campanha toda brigando.

**Ficaram recordações de mais histórias vividas na Câmara?**

Eu era fã do Chico Nogueira pela maneira como ele pensava, agia e conseguia transmitir suas ideias. Já o Ivan (Siqueira) tinha grande poder de argumentação e o Luiz Teixeira e o José Marcos Gonçalves viviam batendo boca. Eu não era briguento e na primeira vez que tive a chance de fazer algo para favorecer a agricultura de Mogi e Região não fui feliz. Houve novamente uma geada muito forte que danificou toda a produção. Preocupados em ter receita, os agricultores optam por produtos que possam ser cultivados rapidamente, como rabanete e abobrinha. Nesta ansia, canalizam toda a produção, mas quando a oferta é grande,

**"Vai levar muito tempo para que o Brasil eleger um presidente à sua altura"**

então, pedi ajuda ao Junji por meio do Sindicato e foi feito um levantamento dos produtos produzidos e dos prejuízos dos agricultores da Região. Levamos o relatório ao então ministro da Agricultura, Delfim Netto, que acionou a Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal) para que fizesse contratos garantindo a compra antecipada da produção agrícola. A parceria saiu, mas foram cometidas várias irregularidades e fiquei tão decepcionado que desisti de vez da política, porque vi que as pessoas querem sempre levar vantagem em cima de tudo. Foi horrível.

**Quando o senhor montou a Mafes Mecânica?**

Em 1980, ainda como vereador, montei a Mafes que primeiramente funcionou no sítio em Birritiba Ussu, depois passou para a Vila Industrial, Rodeio e Avenida Shozo Sakai até chegar à sede atual, em Jundiapéba. Com o conhecimento adquirido nos tempos em que estudei Mecânica em São José dos Campos, comecei a desenvolver equipamentos com tecnologia agrícola, mas também li muito sobre o assunto e cheguei à conclusão de que o que havia nos livros não batia com a vivência no campo, já que toda a literatura tem como base o clima temperado, que não é o nosso. Joguei fora os livros e decidi apenas observar a natureza. No início, as pessoas achavam esquisitas as máquinas criadas por mim, mas depois viam que davam resulta-

## PERFIL

**NOME:** ROBERTO SHINITI SAKO  
**IDADE:** 64 ANOS  
**NASCIMENTO:** MOGI DAS CRUZES  
**ESTADO CIVIL:** CASADO HÁ 37 ANOS COM ALICE SHIZUKA SAKO  
**FILHOS:** NYLTON, HENRY E KARIN  
**NETO:** RYUITI  
**FORMAÇÃO:** CURSO TÉCNICO EM MECÂNICA (ETEP SÃO JOSÉ DOS CAMPOS)  
**TRABALHO:** EMPRESÁRIO E EX-VEREADOR DA CÂMARA DE MOGI

do. Com o tempo, a maioria das horticulturas feitas com trabalho braçal foi mecanizada. Começamos na área das hortaliças, depois fomos para a plantação de batata, café, cana-de-açúcar e hoje nossa maior dedicação é a soja. Temos clientes no Interior do Estado de São Paulo e em todo o País e já fizemos, inclusive, trabalhos para a Escola (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP (Universidade de São Paulo).

**Como foi este trabalho para a Esalq?**

Meu filho Henry estudava Agronomia lá e sugeri que fizesse seu projeto de iniciação científica com foco no sistema que consiste em alimentar os microorganismos do solo com bastante capim para garantir a produção de hortaliças. Ele falou com a professora de microbiologia de solo, Elke Cardoso, que de início não concordou, já que esta informação não batia com o que era defendido nos livros. Eu me propus a conversar com ela, a convenci e no final ficou comprovado que dava mesmo certo. Começamos a cultivar batata, seguindo esta tecnologia brasileira, em uma área modelo dentro da própria Esalq. Depois, isso foi aplicado no cultivo de soja e cana.

**Qual sua avaliação sobre a atual crise enfrentada pelo País?**

Sempre há uma saída, mas o ser humano precisa passar por dificuldades para aprender a valorizar o que é nobre. Temos pessoas boas para conduzir o País, mas precisamos ver se elas serão eleitas, porque se falarem o que é preciso para consertar o Brasil, sabem que não sairão vencedoras nas urnas, já que os eleitores gostam de ouvir apenas o que querem. O povo precisa amadurecer, porque acredito que cada um tem o governo de acordo com seu estágio. Não é certo a pessoa votar em alguém e depois ficar criticando. É preciso assumir os erros e da próxima vez aprender a votar melhor, senão vai errar de novo. Quando surgiram as eleições diretas, a jornalista Vanice Azeiz, que era de **O Diário**, me perguntou se o povo estava preparado para isso e como respondi negativamente, ela me questionou quando é que este dia chegaria. Infelizmente, sei que não verei isso na minha existência, porque vai levar muito tempo para que o Brasil possa evoluir e eleger um presidente à sua altura. Só que o primeiro mundo já passou por tudo isso no passado e conseguiu atingir esta evolução. Como nada é eterno e sim cíclico, acredito que um dia o Brasil terá oportunidade de acelerar este processo e se transformar em uma grande potência, livre e sem a dependência de outros países.